***Amo-te, logo existo***

O meu coração deixou de habitar no meu peito,

Fugiu com os olhos que te viram partir,

Também eles partiram deixando-me agarrado às memórias;

Tudo à minha volta, gira à tua volta;

Tudo dentro de mim, se vislumbra dentro de ti;

Todos os caminhos se cruzam com o teu ser,

Todo o meu ser se perde nos teus caminhos.

Seca a minha boca sem os teus beijos,

Vazio o espaço entre as minhas mãos,

Nua a minha pele sem a tua,

Em suma, deixei de existir,

Só porque te amo.

Porto, Junho 2014

Porto 15 de Junho de 2014

Não sei o que te responder, pois deixei de te conhecer. Talvez tivesses sido o que nunca tinhas sido… Sinto-me dividido, a agir com sensatez, a amar furiosamente, cometido a matar algo – a esperança que te mantem viva, que nos mantem vivos. “Nunca mais me procures” - é uma frase melodramática que me ocorre dizer-te; pouco sensata diria eu, fatalmente atractiva, não fizesse dela - a Esperança uma preciosa aliada – Detesto-a! Sim a esperança; Remete-me para a escuridão, a crença, a humanidade! Não posso alimenta-la, tenho que a matar à fome; mas se ela se materializa aquando do nosso “eterno adeus” ou quando ela sorri aquando “nos sentimos” - nas palavras lidas e ouvidas que ocuparão parte do nosso dia-a-dia, como proceder? Sinto-me dividido entre mais ou menos esperança. Não existe racionalidade que me acuda, estou só, entregue a mim mesmo, à espera de partir e de deixar o tempo decidir. Tudo o que te possa dizer não apagará o cheiro que trazes agarrada contigo das tuas viagens à Linz, esse cheiro que te/nos intoxicará o melhor e o pior de 17 anos da nossa interdependência, tenha sido ela voluntária ou involuntária – ages perante razoes e sentimentos que julgas serem teus – ponderadamente pensados. E tens razão, são teus, de pleno direito. Mas não agiremos nós imbuídos de uma falsa liberdade? Não ficaremos mais próximos da liberdade quando tentamos nos libertar da liberdade que nos condiciona? Eternas palavras vãs! Sei que não me amas mais, ou o amor que tens por mim é menor, “diferente” dizias tu, como tal e com uma enorme incerteza, peço-te que me deixes deixar-te – eu quero perder todo o teu amor, remete-lo para um lugar distante dentro de mim – serás a minha maior memória que se soltará sempre que houver terreno propicio, sem aviso prévio em indeterminado lugar, serás o fantasma da minha existência passada, dar-me-ás caça sempre que eu tiver medo e quiser fugir da vida, estarás para o sempre presente sempre que eu esteja ausente, da Vida, do agora. A partir de aqui, o tempo começa a decrescer. Adeus Ulla, o meu amor por ti morreu decepado tal como uma jovem árvore crescendo na sombra a caminho do Sol.

Auf Wiedersehen Ulla!

P.S. Eliminarei o teu contacto via Skipe. Por favor não visites mais a minha página web (como sabes poderei ver as nacionalidades que a visitam), pois se o fizeres terei que a proteger com uma palavra passe. Quanto ao dinheiro na conta Australiana, quero que fiques com ele. Em relação às tuas coisas que aqui ainda ficaram poderás vir busca-las sempre que quiseres desde que eu cá não esteja, leva tudo o que te apetecer das minhas/nossas coisas.